

Na *Gazeta da Tarde*, Patrocínio apóia Deodoro. A Confederação Abolicionista manda votar no general. João Clapp bate-se também por essa candidatura consagrada por todos os que lutam contra o escravismo. Agradecendo a homenagem que lhe foi prestada a 18 de julho de 1887, Deodoro declarava: “Estou profundamente convencido de que a Pátria não poderá atingir os gloriosos destinos a que está fadada enquanto tiver em seu seio a mancha da escravidão!” No *Jornal do Comércio*, Gusmão Lobo se desdobrava no combate à escravidão⁽¹⁶³⁾.

Acosados pela campanha que avança e se avoluma, os fazendeiros escravistas agrupam homens de fortuna para fundar um jornal, o *Novidades*, destinado a defender a manutenção do cativo, escolhendo para dirigi-lo Alcindo Guanabara. Em outubro de 1887, surge o memorial do Clube Militar à Regente, recusando para os militares a missão de capitães-do-mato. O órgão monarquista *Tribuna Liberal* polemiza com o *Correio do Povo*, em que Saldanha Marinho combate pela República. A imprensa republicana conta com 74 jornais, então, 20 no norte e 54 no sul; havia 237 clubes republicanos, sendo 204 em São Paulo, Minas, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. Em janeiro de 1888, encontrava eco em todo o país a indicação da Câmara Municipal de São Borja, no Rio Grande do Sul, pedindo fosse consultado o país sobre a oportunidade de se pronunciar,

(163) “Gusmão Lobo. . . É outro nome do nosso círculo interior. . . Alguns dos que combateram juntos sem descanso, durante os primeiros cinco anos da propaganda, os quais foram os anos do ostracismo político e social da idéia, acreditaram sua tarefa, senão acabada, pelo menos grandemente aliviada no dia em que um grande partido no governo, com os seus quadros, sua influência, seu eleitorado, sua imprensa, adotou a causa de que eles eram, até então, os únicos arrimos. . . Entre esses está Gusmão Lobo, que não teria deixado a pena de combate, se não tivesse visto a bandeira que ela protegia, passar triunfante das mãos dos agitadores para as mãos do Presidente do Conselho. Na época decisiva do movimento, aquela em que se teve de criar o impulso e de torná-la mais forte do que a resistência, isto é, em que se venceu virtualmente a campanha, os seus serviços foram inapreciáveis. . . Ele sozinho enchia com a emancipação o *Jornal do Comércio*, desde a coluna editorial, onde, por toda espécie de habilidades, artifícios e sutilezas, graças à boa vontade do dr. Luís de Castro, conseguiu ter a questão sempre em evidência. . . Seu talento, seu estilo de escritor, airoso, perfeito, prismático, um dos mais belos e mais espontâneos do nosso tempo, era verdadeiramente inexaurível. . . Ele achava solução para tudo, tinha os expedientes e as finuras, como tinha a plástica da expressão. . . Todo o seu trabalho foi anônimo e poderia assim ter passado despercebido de outra geração, se não restasse o testemunho unânime dos que trabalhavam com ele. . . Era um assombro a variedade dos papéis que ele desempenhava na imprensa, incalculável o valor da sua presença e conselho em nossas reuniões, e depois no íntimo do Gabinete Dantas. Seu nome está escrito, por toda a parte, nas paredes das catacumbas em que o abolicionismo nascente viveu os primeiros cinco anos, como uma pequena igreja perseguida, mas aparece cada vez mais raro à medida que a nossa fé se vai tornando religião oficial. É um dos enigmas do nosso tempo — enigma nacional, porque se prende à questão do emurchecimento rápido de toda a flor do país — como semelhante talento renunciou mais tarde de repente a toda ambição. . .” (Joaquim Nabuco: op. cit., págs. 207/209).